

C-Bond atinge menor taxa desde a crise

Taxa de risco dos títulos da dívida brasileira fica abaixo de 5 pontos percentuais

Marcelo Aguiar

• Os títulos da dívida externa brasileira se valorizaram ontem pelo quinto dia consecutivo no mercado internacional e chegaram a ser negociados com um *spread* inferior a 5 pontos percentuais acima dos juros dos títulos do Tesouro dos EUA. Foi a primeira vez que a taxa rompeu esse limite desde outubro do ano passado, quando a crise explodiu no Leste da Ásia. No fim do dia, o *spread* estava em 4,99 pontos percentuais. Essa percentual, se somado aos 5,87% de juros pagos ao ano ontem pelos títulos americanos, resulta em uma taxa total de 10,86%.

Essa taxa se refere aos C-Bonds, os papéis brasileiros de maior liquidez. O mercado passou a exigir taxas menores para comprar os títulos brasileiros porque, em comparação com outras economias emergentes, a avaliação do país melhorou. Os investidores que apostam na América Latina, por exemplo, trocaram títulos de México e Argentina por papéis brasileiros. Os títulos mexicanos e argentinos tiveram pequenas elevações ontem no *spread* que oferecem. Enquanto isso, a taxa de risco do C-Bond caiu 0,12 ponto percentual.

A emissão bem sucedida de eurobônus do BNDES, na quarta-fei-

ra, e a da Globopar, ontem, também ajudaram, ao dar uma prova de que há crédito para empresas do país no mercado internacional. Além disso, um outro fator externo contribuiu: a Rússia, que tem títulos tão negociados quanto os brasileiros, sofreu na quarta-feira uma piora na classificação de seu risco pelas agências especializadas, mas essa redução no *rating* foi menor do que se esperava. Com isso, o fluxo de dinheiro para títulos de países emergentes não foi interrompido. Os papéis da Rússia também tiveram forte valorização ontem.

No mercado interno, os juros pagos a investidores estrangeiros

também tiveram pequena queda ontem. Foi no leilão de NBC-Es, título do Banco Central corrigido pela variação do câmbio, com vencimento em dois anos, muito procurado por investidores que chegam atrás dos elevados juros brasileiros. O lote de R\$ 500 milhões saiu com taxa média menor do que o previsto, de 12,91% ao ano acima do câmbio. O mercado suspeita de que um só comprador levou a maior parte do lote.

Nas bolsas de valores, entretanto, o fluxo de dinheiro externo foi mais uma vez fraco. A Bovespa fechou com alta de 1,18%, registrada graças à última hora de pregão. A BVRJ subiu 0,29%. ■